

**Metodologia de levantamento cadastral dos jardins do Sítio Roberto
Burle Marx (SRBM)**

Methodology for cadastral survey of the gardens of Sítio Roberto Burle Marx

*Metodología para el levantamiento catastral de los jardines del Sítio Roberto Burle
Marx*

Marlon da Costa Souza

Chefe da Divisão técnica, SRBM-IPHAN, Brasil
marlon.srbm@ipha.gov.br

Caetano Troncoso Oliveira

Botânico, SRBM-IPHAN, Brasil
caetano.oliveira@iphan.gov.br

Fernanda Vieira Mello

Auxiliar conservação de jardins históricos, SRBM-IPHAN, Brasil
mello.fernandav@gmail.com

Julia da Cruz Monteiro

Auxiliar conservação de jardins históricos, SRBM-IPHAN, Brasil
monteiro.julia@gmail.com

RESUMO

Este artigo trata sobre o método de cadastro realizado nos Jardins do Sítio Roberto Burle Marx (SRBM) em 2020, a fim de compor o material do Dossiê de Candidatura para a Lista de Patrimônio Mundial, solicitado pelo Conselho Internacional de Monumentos e Sítios - ICOMOS/UNESCO. Aqui se expõe a necessidade de aprofundar os estudos na área de conservação de jardins históricos. O objetivo volta-se para a execução de cadastramento desse jardim a fim de viabilizar o desenvolvimento de inventários como ação de planejamento e gestão de jardins com interesse histórico.

PALAVRAS-CHAVE: Documentação; patrimônio cultural; jardins históricos; Sítio Roberto Burle Marx.

ABSTRACT

This article deals with the method of registration carried out in the gardens of Sítio Roberto Burle Marx (SRBM) in 2020, in order to compose the material of the Candidacy Dossier for the World Heritage List, requested by the International Council of Monuments and Sites - ICOMOS/ UNESCO. Here, the need to deepen studies in the area of conservation of historic gardens is exposed. The objective is to perform the registration of this garden in order to enable the development of inventories as a planning and management action for gardens with historical interest.

KEYWORDS: Documentation; Cultural heritage; historic gardens; Sítio Roberto Burle Marx.

RESUMEN

Este artículo trata sobre el método de registro realizado en los jardines del Sítio Roberto Burle Marx (SRBM) en 2020, con el fin de componer el material del Dossier de Candidatura para la Lista del Patrimonio Mundial, solicitado por el Consejo Internacional de Monumentos y Sitios - ICOMOS/UNESCO. Aquí se expone la necesidad de profundizar estudios en el área de conservación de jardines históricos. El objetivo es realizar el registro de este jardín con el fin de posibilitar la elaboración de inventarios como acción de planificación y gestión de jardines con interés histórico.

PALABRAS CLAVE: Documentación; patrimonio cultural; jardines historicos; Sítio Roberto Burle Marx.

1 INTRODUÇÃO

Segundo Hilário Pereira, em Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural, documentação remete à noção de conjunto de documentos, “bem como se refere às ações de coleta, processamento técnico e disseminação de informações (...) a documentação assume a função de representar ideias e objetos que nos informa sobre algo (...)”. O processo de documentação é fundamental para a realização de inventários, sendo imprescindível para ações de preservação do patrimônio e tornam-se base para estratégias de conservação adotadas (IPHAN, 2000). Através dos inventários, busca-se compilar diversas informações sobre os bens históricos a partir de seus elementos constituintes.

Parte importantíssima do inventário trata sobre o levantamento dos componentes físicos, descritos no artigo 9º da Carta de Florença (1981) “A proteção dos jardins históricos exige que eles sejam identificados e inventariados. Impõe intervenções diferenciadas, que são a manutenção, a conservação e a restauração. (...) A “autenticidade” diz respeito tanto ao desenho e ao volume de partes quanto ao seu decór ou à escolha de vegetais ou de minerais que os constituem.”

O Centro Cultural Sítio Roberto Burle Marx (SRBM) é um patrimônio cultural localizado no bairro de Barra de Guaratiba, na Zona Oeste do Rio de Janeiro, e uma unidade especial sob gestão do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN). Este bem cultural foi recentemente inscrito na Lista do Patrimônio Mundial da UNESCO (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) na categoria paisagem cultural, por seu valor universal excepcional ligado à concepção do jardim modernista tropical. Nesta propriedade o paisagista brasileiro, Roberto Burle Marx, formou uma coleção de plantas tropicais com a qual fazia experimentações botânicas e compositivas, tornando-a assim base para a concepção de seus jardins (IPHAN, 2019). O acervo de plantas conta com aproximadamente 3500 espécies, e está disposto da seguinte forma: nos três jardins que foram idealizados *in loco*, os da casa principal, dos lagos e do ateliê, além de áreas ajardinadas ao longo dos caminhos principais; organizadas por grupos botânicos nos chamados “sombrais”, que são viveiros com cobertura em tela de sombrite; e junto a vegetação nativa, em massas de vegetação mais densas entre os jardins; ou na área de preservação ambiental que a porção do terreno acima da cota de 100 metros de altura (MONTEIRO; MELLO, 2021).

Por ser um espaço com jardins que foram concebidos no local, sem um projeto predefinido, sob a intenção primordial de configurar uma coleção botânica, o Sítio acaba por ser um jardim histórico bastante singular (DIAS, 2008). Isto fica evidente na organização de seus espaços, que possui uma composição mais livre que os jardins costumeiramente projetados pela Burle Marx & Cia, além de apresentarem uma diversidade de espécies maior que as geralmente utilizadas em jardins (Figura 1). Ainda assim, o espaço se diferencia também de coleções como as de jardins botânicos, que tem como finalidade a organização das plantas para estudos científicos. No Sítio, a coleção foi disposta sob o olhar artístico de Burle Marx, e teve como objetivo principal o estudo das plantas para seu uso estético. Estas características demarcam uma complexidade espacial e conceitual que tornam desafiadores o entendimento e a documentação deste bem.

Figura 1 – Fotos dos jardins dos Lagos e da Casa Principal.



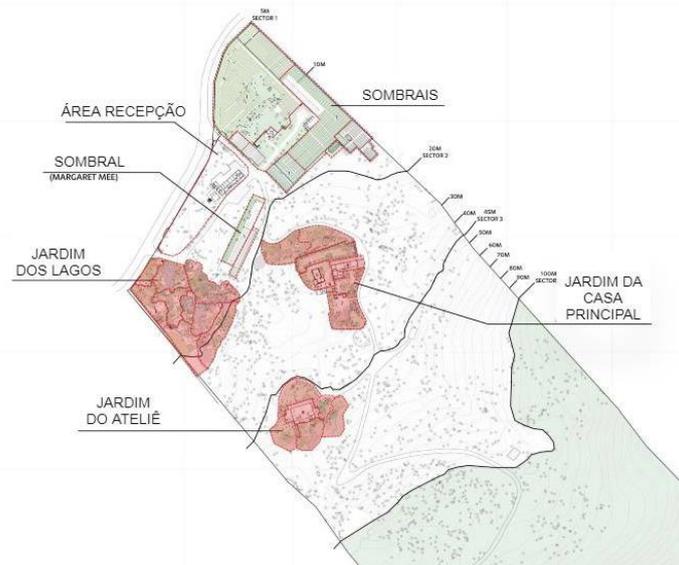
Fonte: Oscar Liberal. Acervo SRBM, 2020.

Segundo Storino et al. (2019), a trajetória da inventariação do acervo botânico-paisagístico do SRBM é dividida em três fases, iniciando-se a partir de 1985, com a doação do Sítio para o governo federal, quando este se torna instituição pública. Nesta ocasião, tendo Roberto Burle Marx como primeiro diretor, inicia-se um processo de catalogação incessante do acervo vegetal e do terreno, num primeiro momento de forma manual e com uso de materiais analógicos. A segunda fase, a partir de 2004, passa a adotar equipamentos digitais no registro das informações, dando forma a metodologias iniciadas no final da década de 1990, o PILAP (Projeto de Identificação e Levantamento de Árvores e Palmeiras) e PILOG (Projeto de Identificação e Localização de Grupos de Vegetação). Já na terceira fase, que começa em 2017, passa a se implementar a adoção de um Sistema de Informação Geográfica (SIG), visando uma unificação de conteúdos (STORINO et al., 2019). Essa base de dados está associada a um processo de coleta com base geotecnológica em fase inicial de execução, que se soma a coletas já realizadas por métodos anteriores. Em meio a este contexto de novos formatos de documentação do acervo botânico e dos jardins, algumas etapas se mostraram emergenciais para a elaboração de planejamento para conservação. É o caso do levantamento dos três jardins, que até o ano de 2020 não possuíam um cadastro completo de sua composição, vegetação e características de desenho.

No processo de candidatura deste bem para inscrição na Lista do Patrimônio Mundial, foi elaborado um Dossiê de Candidatura, que constitui uma compilação das mais atualizadas e completas sobre o local, com informações sobre sua história, localização e dados sobre seus acervos. O material foi desenvolvido por uma equipe de técnicos do IPHAN, consultores convidados e especialistas, e conta com uma assessoria ligada à Unesco, através de técnicos do Conselho Internacional de Monumentos e Sítios (ICOMOS). O primeiro material enviado, embora possuísse mapas diversos do terreno do Sítio, com as informações até então existentes sobre a disposição física do acervo vegetal, não apresentava mapeamento detalhado dos jardins. O fato foi salientado pela ICOMOS, que sugeriu a urgência deste levantamento para que a instituição apresente mais garantias da conservação da integridade física do Sítio, para além dos elementos construídos e imóveis, da composição de sua coleção vegetal viva.

Para o levantamento dos espaços dentro do SRBM que teriam medidas mais criteriosas para conservação de suas configurações compositivas, uma primeira necessidade foi a definição de quais seriam estas áreas. Este processo representou um desafio, já que não há limites claros dentro do Sítio de quais espaços são “jardins” ou “locais de coleção”, mas estas áreas estão organicamente integradas entre si. O relatório de informação adicional enviado à UNESCO em 2020, portanto, ressalta os fatores para definição dos espaços identificados como “jardins” dentro do Sítio. Buscou-se uma identificação dos locais em que se observa a aplicação de princípios paisagísticos adotados por Burle Marx em seus jardins projetados, tais quais: visibilidade, *mise-en-valeur*, e tratamento paisagístico como transição. Estes princípios foram descritos por José Tabacow, parceiro de trabalho de Burle Marx por 17 anos, no mesmo relatório acima mencionado (IPHAN, 2020). O princípio da visibilidade é entendido como um recurso de configuração espacial para que uma planta ou uma obra de arte sejam observadas de todos os seus ângulos; o *mise-en-valeur*, é a disposição das plantas ou objetos de modo que se evite a competição visual entre si, dando destaque a estes elementos; e o tratamento paisagístico como transição é o uso do espaço como elemento de conexão entre arquitetura e as áreas do entorno. A partir destes conceitos, pode-se definir três seções como áreas de jardim, sendo estes: o Jardim dos Lagos, o Jardim da Casa Principal e o Jardim do Ateliê (IPHAN, 2020) (Figura 2).

Figura 2 – Planta baixa da porção agenciada do SRBM com destaque para os três jardins.



Fonte: Acervo SRBM, 2020.

Estes três espaços foram definidos como os jardins a terem suas composições preservadas, e necessitariam de um levantamento preciso de suas características espaciais, localizações das feições e composições vegetais. O que era solicitado pela UNESCO era uma documentação dos jardins com uma precisão que possibilitasse sua reconstituição em caso de um hipotético desastre que desconfigurasse por completo suas características. A demanda feita conduziu a elaboração de uma metodologia de coletas e registro adaptada à particularidade deste bem cultural. Por conta da especificidade desses jardins, combinou-se soluções de coletas, a partir de levantamento topográfico planialtimétrico, e de registros, com criação de categorias e símbolos específicos. Combinou-se então métodos para um cadastro

que levou à realização de uma base cartográfica, desenhos de plantas baixas humanizadas e codificação associada a tabela das espécies vegetais existentes nesses jardins.

2 OBJETIVOS

O artigo visa apresentar a técnica adotada para o levantamento cadastral dos jardins do Sítio Roberto Burle Marx para compor a documentação enviada para a UNESCO em seu processo de candidatura a Patrimônio Mundial. Para uma melhor explicação, daremos enfoque a um desses jardins, o Jardim dos Lagos, facilitando assim a exposição das imagens, mapas e tabelas elaborados neste processo.

3 METODOLOGIA

Para o desenvolvimento do processo metodológico tivemos como base os seguintes itens:

- a. Pesquisa bibliográfica, registro fotográfico e documental referentes ao campo do paisagismo e da botânica;
- b. formação de equipe multidisciplinar nas áreas de arquitetura, botânica e topografia;
- c. conhecimento prévio de utilização *softwares* voltados a execução de desenhos técnicos, como AutoCAD (CAD- Computer Aid Design) e Adobe Photoshop.

Uma das referências utilizadas é a dissertação de mestrado intitulada *Sítio Roberto Burle Marx: Notas para um cadastro* (GUINA, 2015), em que o autor utiliza como objeto de estudo o jardim do entorno da casa de Roberto Burle Marx e inicia o processo de cadastramento deste espaço. A dissertação trata de alguns encaminhamentos utilizados para o cadastro de jardins históricos, e define elementos para a realização de levantamento paisagístico e botânico. Sobre a relação de mapeamento dos elementos vegetais e elementos construídos destaca-se o método de identificação numérica dos elementos vegetais, para isso foi utilizado o seguinte formato: “00.00A - onde os dois primeiros algarismos identifica o número do canteiro, os dois algarismos seguintes identificam o número da espécie dentro do canteiro, e a letra identifica diferentes indivíduos da mesma espécie dentro do mesmo canteiro (ex: 01.03A - canteiro 01, espécie 03, indivíduo A) (GUINA, 2015, pág. 21).” Este sistema de numeração é conveniente em casos onde existem uma quantidade elevada de espécies facilitando as trocas de informações geradas no mapa e correlacionadas à lista de espécies.

Também foram analisadas referências sobre representações em projetos de paisagismo e representação de hábitos vegetais, neste aspecto foram analisadas plantas baixas de diversos projetos de paisagismo, e referências bibliográficas o que norteou a definição de alguns parâmetros que será apresentado a seguir.

As espécies vegetais foram identificadas utilizando bibliografia especializada e documentação histórica do SRBM através do registro fotográfico simultâneo realizado

durante o levantamento topográfico. Quando necessário, as espécies foram avaliadas em campo, coletadas amostras e analisadas em laboratório. A classificação das espécies foi baseada em APG IV (2016).

Para a coleta de campo formou-se uma equipe multidisciplinar com topógrafos, arquitetos-paisagistas e botânicos, onde o levantamento topográfico foi realizado a partir de diretrizes voltadas ao desenho paisagístico com ênfase em critérios morfológicos da botânica.

A sistematização das informações coletadas foram condensadas em cartas topográficas, desenhos técnicos humanizados desenvolvidos em software Autocad e Photoshop, além de execução de tabelas e registros fotográficos.

4 RESULTADOS

4.1 Definição dos parâmetros

A organização dos parâmetros base para coleta e registros das informações espaciais dos jardins do SRBM teve início com a definição de sua estrutura. Esta se deu pela setorização dos jardins em áreas menores, dada as dimensões e complexidades existentes neles; numerações dessas áreas; escolha das categorias que seriam utilizadas para vegetação e suas representações; e decisão sobre o formato de correlação entre as plantas baixas e as tabelas de vegetação.

Figura 3 – Mapas esquemáticos com a divisão dos jardins em sub-setores.



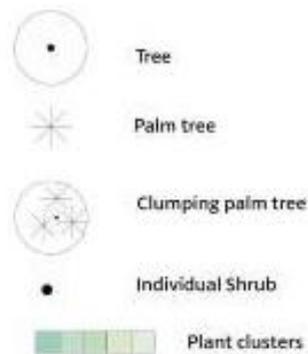
Fonte: Acervo SRBM, 2020.

As subdivisões dos jardins geraram “áreas” dentro deles, cada uma com uma numeração, para posterior referência de localização (Figura 3). O Jardim dos Lagos se organiza em nove áreas, o Jardim da Casa Principal em seis, e o Jardim do Ateliê, em cinco.

Para uma ordenação da representação dos indivíduos e grupos vegetais existentes nos jardins, foi pensada em quais categorias se disporia essas plantas nos mapas dos jardins. Os critérios para isso foram de caráter biológico e paisagístico, de

maneira que se observe nos mapas características morfológicas dos vegetais, bem como seja perceptível a forma que o grupo ou indivíduo se caracteriza no jardim. As categorias adotadas foram: árvore, palmeira, palmeira cespitosa, indivíduo vegetal e forrações/grupos (Figura 4). As divisões de árvores (Figura 5 - A), palmeiras (Figura 5 - B) e palmeiras cespitosas (Figura 5 - C), refletem questões morfológicas das espécies e foram adotadas pela diferente característica física de cada grupo. Já a separação em indivíduos vegetais (Figura 5 - D) ou forrações/grupos vegetais (Figura 5 - E) trata da disposição das plantas no jardim, e diferencia como a espécie está inserida. Assim, em alguns casos uma mesma espécie pode estar representada como um indivíduo, quando disposta individualmente no jardim, ou como grupo quando utilizada de forma a compor uma massa única da mesma espécie (Figura 5).

Figura 4 – Categorias de representação dos grupos e indivíduos vegetais.



Fonte: Acervo SRBM, 2020.

Figura 5 – Fotos das categorias de representação dos grupos e indivíduos vegetais. A - árvore (tree); B - palmeira (palm tree); C - palmeira em touceira (clumping palm tree); D - arbusto individual (individual shrub); E - grupo de plantas.

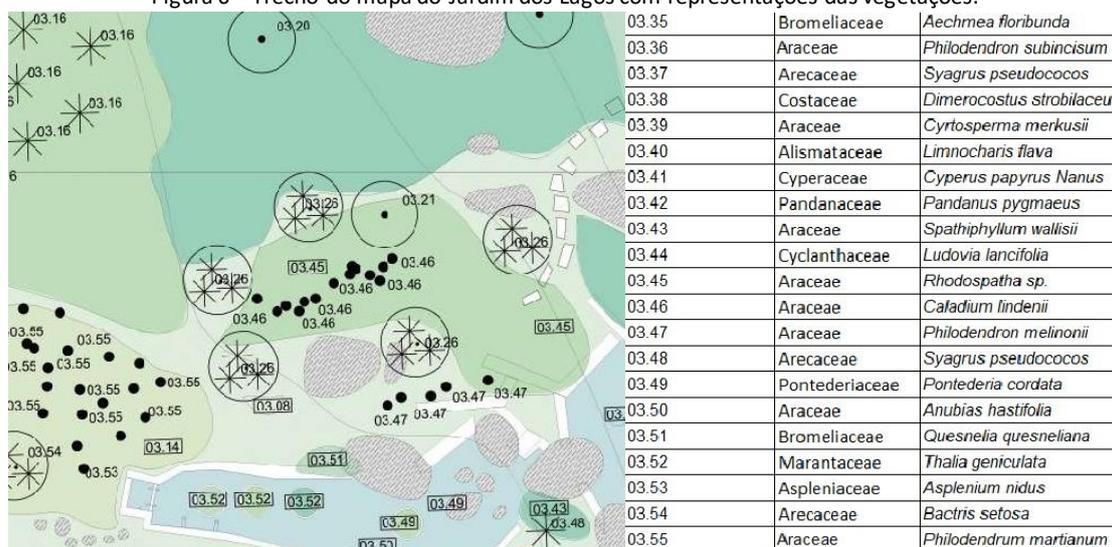


Fonte: Acervo SRBM, 2020.

A utilização desses símbolos nos mapas dos jardins ficariam associadas a códigos numéricos, em que cada um representa uma espécie botânica. Os códigos são formados pela combinação de dois números, dos quais o primeiro representa a área que a planta está localizada no jardim e o segundo, sua espécie. Por exemplo, um indivíduo

de numeração [03.55], está localizado na área 3 do jardim e representa a espécie número 55. No mapa, este código está disposto próximo ao símbolo do indivíduo vegetal no caso das árvores, palmeiras, palmeiras cespitosas e planta individual, e em meio ao canteiro com um retângulo a sua volta no caso das forrações e grupos vegetais, como podemos verificar no mapa abaixo (Figura 6).

Figura 6 – Trecho do mapa do Jardim dos Lagos com representações das vegetações.



Fonte: Acervo SRBM, 2020.

Os códigos numéricos estão associados a uma tabela de espécies vegetais referentes a cada um dos jardins. A tabela foi organizada de acordo com o mapa, na qual a sequência dos números foi definida de modo geral pela espacialidade do desenho, com sua sucessão associada ao percurso do jardim, que segue a ordem da coleta dos dados. Em alguns casos os números sequenciais se desorganizam, como quando há repetição de uma espécie já numerada em outro trecho da mesma área do jardim, ou quando se descobriu mais tarde haver uma espécie diferente em algum trecho, gerando uma numeração em sequência ao último definido nesta área do jardim.

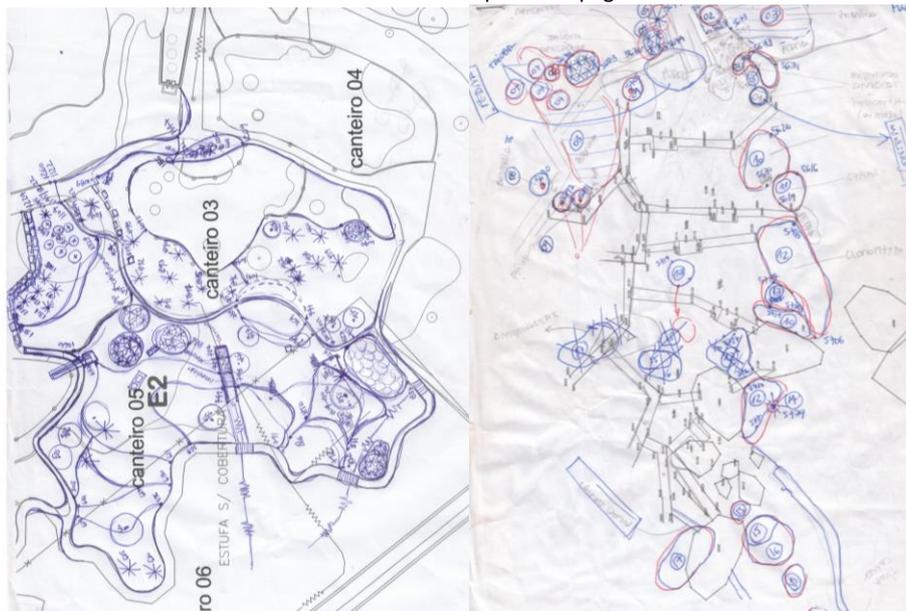
Considerou-se relevante para a tabela de espécies dos jardins a designação das famílias botânicas de cada espécie dos indivíduos e grupos vegetais. Com isso pode-se conceder informações sobre as famílias mais presentes nos espaços, e facilitar o reconhecimento destas plantas no local, já que sabendo a família podemos já saber de antemão as características gerais que a planta apresenta.

4.2 Coleta de dados

O processo da coleta dos dados envolveu levantamento topográfico das feições dos jardins e registro fotográfico das plantas que os compõem, realizados simultaneamente.

A coleta da topografia precisou de constante acompanhamento multidisciplinar, dada a complexidade das características dos jardins e da diversidade vegetal que possuem. Como não havia anteriormente plantas baixas detalhadas desses espaços, foram feitos esboços manuais das feições dos jardins, nos quais os pontos topográficos registrados foram anotados. Ao longo da coleta, fez-se listas manuais anotando as feições a que se referiam todos os pontos topográficos (Figura 7). Este processo foi necessário já que os levantamentos topográficos usualmente marcam dados mais genéricos sobre os terrenos e não possuem códigos para os elementos presentes num jardim. Assim, os códigos existentes que se demarcam os pontos topográficos, para depois serem identificados e gerar em os símbolos para o arquivo em AutoCAD, são árvores, cursos d'água, pedra, meio-fio, banhados, massas de vegetação. Para marcação das feições dos jardins que não existem códigos pré-definidos utilizou-se o código "TG", que é uma forma de marcação genérica. Com o registro manual destes pontos, pode-se mais tarde saber a que elementos eles se referiam.

Figura 7 – Esboços manuais das feições dos jardins, marcações dos pontos topográficos de seus limites e listas dos elementos referentes aos pontos topográficos.



Fonte: Acervo SRBM, 2020.

Alguns trechos dos jardins, especialmente os com maior sobreposição de elementos, tiveram seus pontos coletados em etapas, nas quais primeiramente se marcava os elementos de base como pedras, caminhos e outras estruturas construídas. Após ser feito o desenho destes dados em AutoCAD, poderia-se coletar os grupos e indivíduos vegetais (Figura 8).

processo ia a campo, coletava uma amostra botânica e analisava no laboratório utilizando bibliografias especializadas e fotografias em bancos de dados disponíveis na internet (Flora do Brasil 2020, Tropicos.org, The Plant List). Estes mesmos bancos de dados foram utilizados para definir a grafia correta dos nomes científicos utilizados e as famílias que cada espécie pertencia.

A utilização de uma coluna da classificação de “família” nas tabelas finais dos produtos, diferente de trabalhos paisagísticos convencionais, foi determinada pela grande complexidade dos jardins mapeados neste levantamento. O conhecimento da família facilita o reconhecimento dos indivíduos ou grupos em campo ou nos mapas criados.

4.4 Produtos

Como produto deste levantamento cadastral estão: as cartas topográficas (da porção agenciada do terreno do SRBM, e dos três jardins selecionados); as plantas baixas humanizadas (idem); e as tabelas de listagens com os códigos numéricos, família e espécies da vegetação existente em cada jardim. Para demonstração deste resultado, pela grande quantidade de pranchas produzidas, os mapas dos jardins serão exemplificados através dos mapas do Jardim dos Lagos. Os mapas dos outros jardins, da Casa Principal e do Ateliê seguem os mesmos recursos de representação.

As cartas topográficas respondem a solicitação da UNESCO de ter uma documentação precisa da localização dos indivíduos e grupos vegetais, bem como das formas dos canteiros dos jardins. Nestas cartas, todos os pontos levantados estão identificados, onde é possível se obter as coordenadas geográficas de cada um.

Figura 9 – Cartas topográficas da porção agenciada do terreno do SRBM (acima) e do Jardim dos Lagos (abaixo).



Fonte: Acervo SRBM, 2020.

Figura 10 – Plantas baixas humanizadas do terreno do SRBM (acima) com destaque para os jardins selecionados e áreas de viveiros e planta baixa humanizada do Jardim dos Lagos (abaixo).



Fonte: Acervo SRBM, 2020.

5 CONCLUSÃO

Esse processo de levantamento cadastral dos jardins do SRBM representou um marco na documentação deste bem cultural, gerando materiais de grande valor para o trabalho de sua salvaguarda. A conservação da materialidade dos jardins tem grandes benefícios de um registro detalhado de sua configuração física e das espécies que o compõem. Estes desenhos permitem que se tenha parâmetros a serem seguidos nas decisões cotidianas a serem tomadas nas atividades de manutenção.

A partir do produto gerado têm-se uma base que deve ser considerada em qualquer ação a ser tomada. Depois deste levantamento, as alterações que acontecem ao longo dos ciclos de um jardim vem sendo registradas, e trazem perspectivas do que deve se buscar quando modificações são inevitáveis. No caso da perda de uma planta, por exemplo, analisa-se sua constituição como um todo, devendo-se tentar manter características compositivas e considerando sua viabilidade biológica, conforme as condições existentes e relações com as plantas à sua volta.

Estes materiais vêm sendo amplamente utilizados pela equipe do SRBM, que possuem uma forma simples e eficiente de procurar determinadas espécies nos jardins, identificar as plantas com facilidade ou analisar o conjunto vegetal que formam essas composições.

O registro de sua metodologia é relevante dado que não há muitas referências de aplicação de levantamento de jardins históricos. Este caso é bastante representativo de um processo que teve resultados positivos e pode contribuir ao desenvolvimento do trabalho de documentação de bens históricos paisagísticos.

6 REFERÊNCIAS

6.1 Livros

LAMPREIA, Mônica. **O caminho das flores: Guia prático de jardinagem**. Editora Das Duas. Rio de Janeiro, 2010.

6.2 Documentos técnicos

Carta de Florença (1981). In: CURY, I. (Brasil). *Cartas patrimoniais*. 2. ed. Rio de Janeiro: IPHAN, 2000. Edições do Patrimônio.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Inventário Nacional de Referências Culturais: manual de aplicação**. Apresentação de Célia Corsino. Introdução de Antônio Arantes Neto. Brasília, 2000.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Nomination of Sítio Roberto Burle Marx for Inscription on the World Heritage List (Dossiê de Candidatura)**. Rio de Janeiro, 2019.

IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional. **Nomination of Sítio Roberto Burle Marx for Inscription on the World Heritage List - Additional information.** Rio de Janeiro, 2020.

6.3 Dissertação, tese e trabalho acadêmico - Impresso

DIAS, Robério; **Patrimônio Paisagístico do Sítio Roberto Burle Marx: uma visão geográfica.** Tese (doutorado). Rio de Janeiro: UFRJ, 2008.

GUINA, Rômulo. **Sítio Roberto Burle Marx: Notas para um cadastro.** Dissertação (Mestrado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo (PROURB) da Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2015.

6.4 Capítulo de livro

PEREIRA FILHO, Hilário Figueiredo. Documentação. In: REZENDE, Maria Beatriz; GRIECO, Bettina; TEIXEIRA, Luciano; THOMPSON, Analucia (Orgs.). **Dicionário IPHAN de Patrimônio Cultural.** 1. ed. Rio de Janeiro, Brasília: IPHAN/DAF/Copedoc, 2015 (verbete). ISBN 978-85-7334-279-6

6.5 Trabalhos publicados em eventos

MONTEIRO, Júlia; MELLO, Fernanda V. Práticas Paisagísticas do Sítio Roberto Burle Marx: um inventário a partir das experiências vivenciadas. In: 14o SEMINÁRIO DOCOMOMO BRASIL, 2021, Belém. **Anais do XIV Seminário Docomomo Brasil - O moderno em movimento: usos, reusos, novas cartografias** - Presentes e futuro do legado da arquitetura moderna no Brasil. Belém, 2022. ISBN: 978-65-00-40027-4

STORINO, Cláudia M. P.; LAVOR, Letícia D.; SOUZA, Marlon da Costa; CRESCÊNCIO, Diego R.; Sistema informatizado para a gestão do acervo botânico-paisagístico: a concepção do projeto de gestão. 5 Colóquio Ibero-Americano: paisagem cultural, patrimônio e projeto. Universidade Federal de Minas de Gerais. Belo Horizonte, 2019.

6.5 Artigo de Periódicos

APG IV (Angiosperm Phylogeny Group). **An update of the Angiosperm Phylogeny Group classification for the orders and families of flowering plants: APG IV.** Botanical Journal of the Linnean Society 181: 1-20, 2016.